



A MADRINHA DAS CELEBRIDADES

INSEPARÁVEL DE SUA AGENDA,
LIÈGE MONTEIRO DEFINE QUEM SÃO AS
PERSONALIDADES DA VIDA SOCIAL CARIOCA

RENATO LEMOS

Se perguntarem a Liège Monteiro o que é fundamental para o sucesso de uma festa, ela passará a mão nas pontinhas descoloridas do cabelo negro e responderá na lata: penetra. Nem que seja para ficar barrado na porta, acrescentará, rindo. Para Liège, o penetra funciona mais ou menos como o flanelinha da frente do Municipal ou o cambista do Canecão. Ninguém os quer por ali, claro que não, mas sua presença sinaliza o sucesso ou o fracasso do evento.

— Sem penetra não há festa que preste. Eles são o meu termômetro particular.

Nos últimos tempos, o termômetro de Liège tem marcado altas temperaturas. A promoter está à frente de dez entre os dez eventos mais badalados da cidade. De lançamento de novela da Globo no Itamaraty à festa do Festival BR de Cinema no Palácio da Cidade. Do recital da soprano Kiri Te Kanawa no Municipal ao vernissage de Jean Nouvel (aquele do quase-Guggenheim) no Instituto de Arquitetura. Em cada um deles, a lista de convidados esteve nas mãos da mesma figura magra, invariavelmente metida num terninho preto (com exceção das sextas-feiras, quando, em respeito ao santo, veste branco), uma natural vocação para a festa. Sua importância na vida social da cidade ganhou tal reconhecimento que foi convocada para prestar assessoria em *Celebridade*, a nova novela das 8 da Globo. Ali, Liège convidará pessoas de verdade para participações na trama. Não vai faltar gente. Sua agenda tem a espessura de uma lista telefônica. E a devoção destinada às bíblias.

A agenda de Liège — um caderno espiral anotado à mão — é o verdadeiro quem é quem da vida social do Rio. Conta-se que já houve gente pagando promessa para ver o nome incluído ali. Houve quem rogasse praça por não estar, também. Há os que estão ali há anos e que jamais sairão. Há também os que já saíram e ainda não se deram conta do fato. Há ainda os que

continuam na lista mas já não merecem convites nem para inauguração de supermercado. Estes estão sublinhados com caneta esferográfica vermelha.

— Não agüento chatos e bêbados. A minha marca é a elegância, as pessoas bacanas atendem aos meus convites porque confiam na marca. Não posso vacilar — diz Liège, lembrando o barraco armado por um ator da Globo que, numa festa na Ilha Fiscal, quase acertou o quepe de um almirante com uma taça de champanhe.

É engraçado, mas ultimamente o escritório de Liège não vive exatamente de assessoria de imprensa e da produção e organização de festas. Seu bom gosto e o fácil tráfego social a transformaram numa espécie de celebridade entre as celebridades. É contratada por quem deseja visibilidade para os eventos. Liège ganha para convidar, apenas. Assim, divide os convidados em classes: artistas, celebridades em geral, esportistas, políticos, empresários. Meninas e meninos bonitos, espalhados em cada uma das categorias, são tão essenciais à festa quanto o gelo. Acostumada a conviver com poder e fama, Liège diz que só uma vez viu seus joelhos dobrarem diante de uma celebridade.

— Estávamos em Cuba gravando um programa quando recebemos o chamado para falar com o Comandante. Fidel, supersedutor, pegou na minha mão e disse: “Que bellos ojos negros tiene usted”. Na hora fiquei tão descadeirada que nem consegui falar que meus olhos são castanhos — ri.

No mais, Liège não se deixa levar pela sedução dos famosos. Diz que o humor e a inteligência valem bem mais que roupa de grife. Sabe também que, à noite, nem todos os gatos são tão pardos assim. Por isso, mistura gente com dinheiro e gente com brilho. Gente com poder e gente com estilo. Gente com passado e gente com futuro. Amigos e nem tão amigos assim (é chamada pelas costas de Mortícia Adams).

Vera Loyola está na última categoria. No Prêmio Tim, no Teatro Municipal, a socialite teria recebido uma poltrona ruim — de onde não via e ▶



pior, não era vista – e botou a boca no trombone. Não foi a primeira vez. Durante anos Vera reclamou por ter sido escalada no time das mais deslealistas do país, eleito por um júri da **Domingo**, do qual Liège fazia parte. Ela garante que não há perseguição.

– No caso da Tim, a distribuição das poltronas era feita pela promotora do evento. Quanto ao júri da **Domingo**, jamais votei nela. Para mim, elegância é muito mais uma questão de postura social que de figurino. Vera é nome certo na minha agenda, sempre vou arrumar um lugar para ela – afirma Liège.

No lançamento de *O caminho das nuvens*, no Cinema Leblon, há 15 dias, também teve gente reclamando do lugar. Ou da falta dele, vá lá. A produção do filme chamou mais pessoas do que devia e a fila dos barrados escorria pela Ataulfo de Paiva e juntava até vendedor de churrasquinho. Uma gente indignada (com toda razão!) que se amontou na porta do cinema para reclamar dos que conseguiram o privilégio de entrar. Sobrou para famosos e não famosos. Até Cláudia Abreu, protagonista da fita, teve que passar escondida.

– A revolta era tanta que ao ver um senhor entrando pela lateral me pegaram pelo braço para barrá-lo. Quando fui ver, era o Luiz Severiano Ribeiro. Queriam que eu barrasse o dono do cinema, caramba!

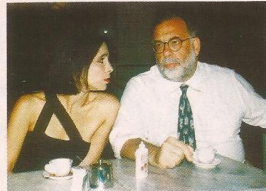
Certamente não terá sido a última vez em que Liège ouviu o coro dos indignados. Já houve até um caso em que ela própria fez parte desse coro. Naquele que foi seu maior fracasso, foi chamada para organizar os convidados do show do U2, aquele do Autódromo, em que tudo deu errado. Depois de percorrer quatro horas de engarrafamento e chegar ao portão por um enorme matagal, a promotora foi simplesmente barrada por seguranças. Liège tem um nome para o fracasso: Lívio Bruni, o organizador do show.

– Esse está riscado do meu caderninho.

Liège começou o tal caderninho há 15 anos, empurrada pela crise do cinema no governo Collor. Até ali era produtora, casada com o diretor Neville D'Almeida. Produziu filmes como *Os sete gatinhos* (1977), *A dama do loteação* (1978) e *Rio Babilônia* (1983). Tinha tino, sabia dosar arte, psicologia, farsa. Nelson Rodrigues e mulher pelada. Ganhou um bocadinho de dinheiro e fez um bocadinho de amigos no meio. Quando Collor acabou com a Embrafilme e decretou a quarentena na produção nacional, o dinheiro minguou. Os amigos não. E foi com eles que Liège começou sua nova carreira.

– Passei a fazer assessoria de imprensa para os amigos. Como geralmente eram produtos de qualidade, acabou refletindo no trabalho – diz a promotora.

Uma dessas amigas de primeira hora é a atriz Christiane Torloni. Elas se conheceram em *Rio Babilônia*, de Neville, versão carioca da *Doce vida* de



Acima, Liège, que já foi produtora de filmes, com Francis Ford Coppola (à esquerda), Ruy Guerra (centro) e Cacá Diegues



Com Joãozinho Trinta, da Grande Rio. Acima, com Chico, Zé Possi Neto e Marcelo Picchi. E com Nelson Motta



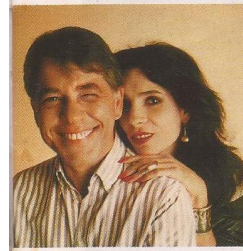
Acima, de visual encaracolado, com o namorado Robert De Niro, e, ao lado, com o roqueiro Keith Richards



Com a amiga de todas as horas e comadre Christiane Torloni, no alto. Acima, com Vera Fisher, que frequenta sua casa em Ipanema



Fotos cedidas por Liège Monteiro



Acima, à esquerda, com Ivo Pitanguy. E, em preto e branco, com Erasmo Carlos. Ao lado, com Fidel Castro, por quem ficou "descadeirada"

Sou filha de cearense. No Nordeste a gente dá importância à palavra

Fellini, uma epopéia de drogas, sexo e malandragem. Torloni na época estava começando e, entre uma gravação e outra, arrumava tempo para fazer campanhas políticas. Foi musa das Di-retas, aprendeu a trabalhar em coletividade. A dedicação de Liège ao projeto a seduziu.

– Desde então estamos sempre juntas, somos comadres. Liège esteve comigo em alguns dos melhores momentos da minha vida e em alguns dos mais terríveis também. A palavra para definir nossa relação é fidelidade – afirma Christiane.

Uma palavra que não se aplica apenas à relação entre as duas. Liège costuma ser fiel a tudo. Usa sempre o mesmo perfume (Blonde, de Versace), veste os mesmos ternos (Armani), calça os mesmos sapatos (Swans) e fuma os mesmos cigarros (Marlboro vermelho, em caixinha). Mora na mesma cobertura em Ipanema, onde divide o espaço com os filhos (Tamura e Jade, de seu casamento com Neville), o escritório, um altar para suas divindades, um gato gorducho, um sofá em forma de Pão de Açúcar e uma penca de fiéis funcionários, alguns a seu lado há mais de 10 anos. Diz que é feliz com o que tem.

– Sou filha de cearense e no Nordeste a gente aprende a dar importância à palavra. Alguns acham fidelidade uma qualidade rara, mas eu acho apenas natural. Sei guardar segredo.

Guardar segredo é fundamental para quem vive da noite e Liège aprendeu a lição desde a época em que tocava o African Bar, no Leblon, ao lado de Nelson Motta, no início dos anos 80. O lugar era frequentado por artistas, políticos e músicos. As mesmas pessoas que subiam o Morro da Urca, alguns anos depois, para dançar no Mamma África. Gente atrás de diversão, da boa música de Dom Pepe e da paisagem de cair o queixo. Não era raro algum conhecido perder as estribeiras por ali. Ou que alguma amiga

bebesse mais que devia, subisse na mesa e ameaçasse tirar a roupa. Liège se esforçava para que nada escapasse para a imprensa.

– Saber entrar é bacana mas saber sair é mais bacana ainda – diz a promotora.

Apesar de ter o nome definitivamente grudado à palavra badalação, Liège, na

intimidade, é uma pessoa como outra qualquer. Faz compras nas Lojas Americanas, por exemplo. Acorda cedo, não bebe – desenvolveu uma técnica de beber água com gelo e limão em copo de vodca para afastar os que insistem em lhe oferecer um drinque – e, quando pode, prefere não sair de casa. Gosta de ouvir Frank Sinatra (de quem já recebeu flores em Nova York) e Tom Jobim. Recebe gente como Marina Lima. Emílio Santiago, Carlinhos de Jesus e Vera Fischer. Uns poucos mais. Uma gente que costuma acompanhá-la nos ensaios da Grande Rio, escola de samba de Duque de Caxias onde é diretora. Numa cidade em que, às vezes, a população evita as ruas com medo da violência, Liège é o contraponto de fé na diversão.

– Se ela convida, vou de olhos fechados, sei que não é roubada. Liège Monteiro é a personificação do glamour no Rio – diz Ney Latorraca.

Se é mesmo assim, a cidade lamentou a ausência de seu glamour por dois longos períodos. Nos anos 70, viveu por quatro anos em Londres, num apartamento rachado com o cineasta Julio Bressane, latas de filme, maluquice, invenção e carnaval. Depois, no início dos 80, alternou temporadas em Nova York e Los Angeles ao lado de Robert De Niro, seu namorado à época. Chegou a acompanhá-lo (permanente no cabelo, a amiga Denise Dumont a tiracolo) na festa do Oscar em 1981, quando o ator faturou por *Touro indomável*. Voltou. Diz que é atraída pelo barulhinho do mar em Ipanema, o milk-shake mal batido do Bob's, as roupas penduradas na feirinha hippie, a batida marcada do surdo na quadra das escolas e até pelo descompromisso da gente que vive por aqui.

– Carioca é bacana, sim, mas não sabe o que é RSVP.

As festas por Liège

O QUE NÃO PODE FALTAR

- Penetras
- Gelo
- Seguranças gentis
- Garçons idem
- Mulheres
- Tim Maia
- Luis Salém
- Banheiros limpos
- Bons copos
- Champanhe

O QUE DEVE SER BARRADO

- Penetras
- Chuva
- Pit bulls
- Bêbados
- Mulheres demais
- Sertanejos em geral
- Caretice
- Deselegância
- Talheres descartáveis
- Ecstasy